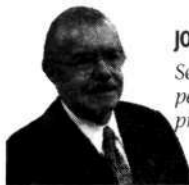


# O parlamento e as raposas

P. 17



JOSÉ SARNEY

Senador do Amapá pelo PMDB, é presidente do Senado

**A** sobriedade do parlamento inglês foi submetida a uma prova de bagunça. Nada mais nada menos que por causa das raposas. Os tradicionais guardas vestidos de preto e cabeleiras brancas metidos num quiproqué entre caçadores de raposa que não queriam deixar que o parlamento proibisse a sua caça e uma multidão irada que fora gritava: "Queremos matar raposa!" Os parlamentares de dentro: "Raposa viva, sem cachorros perseguindo!"

Ninguém pense que isso é uma questão tão simples. Os ingleses são agarrados à sua tradição e de-

la não abdicam. E um dos mais antigos e mais populares esportes nobres do país é justamente a caça à raposa. Não é uma caça simples. Primeiro, ela não pode ser morta a tiros. É um cerimonial que é preparado com muito cuidado e elegância. Os caçadores se reúnem, comemoram e orgulhosamente apresentam suas matilhas treinadas. Os terriers são os melhores. Mas há os raposeiros, cachorros fortes de patas pequenas. As raposas são acuadas e os ingleses, montados a cavalo, com a matilha em desabalada e desordenada carreira, saem na caça brutal, até os cães alcançarem as raposas e fazerem a festa.

Mas os ingleses não gostam apenas de caçar raposas. Eles na Índia faziam festas imensas nas caçadas de tigre, num ritual de perigo, matando-o com uma única bala. Essa caçada era tão heróica que passou um provérbio para a língua inglesa, quando se desconfia de que alguém não é gente sé-

ria. Então dizem: "Fulano não é confiável, não pode ser convidado para uma caçada de tigre".

As raposas também não são tão inocentes e destituídas de artimanhas. Fingem-se de mortas e, quando vão ser agarradas, voltam-se ferozes e lá vai a mão de raposeiro. Se os homens as caçam, elas caçam as perdizes, os coelhos, as lebres e também gostam de frutas, uvas figos, mel. São cheias de malandragem, e notívagas, descobrem meios e modos de entrar nos galinheiros e papar as galinhas mais gordas.

Na literatura muitos escritores foram seduzidos por elas. O mais conhecido deles La Fontaine, que muito a explorou. Em *A Raposa e as Uvas*, ele começa "Certa raposa mãeira / que andava à toa e faminta / ao passar por uma quinta / viu no alto da parreira / um cacho de uvas maduras". Já em *O Leão Doente e a Raposa*, esta escapa de ser comida, porque, esperta,

viu que os bichos entravam e não voltavam. Outra fábula do La Fontaine é *A Raposa e a Cegonha*, em que a cegonha esperta levou a raposa a beber água numa cantarão onde não entrava seu focinho, depois que a raposa serviu-lhe água num prato raso.

Esopo também foi tentado pela raposa e escreveu *A Raposa e o Corvo*, a famosa vaidade do corvo que ao cantar deixou cair o queixo e a raposa encheu a barriga.

E qual a moral a tirar da invasão do parlamento inglês pelos caçadores de raposa? Quem vai ao mato sem cachorro não mata raposa.

E o Batman que invadiu o Palácio de Buckingham que se cuide, pois pode ser comida pelos cachorros da rainha e os guardas do parlamento pelas raposas do Partido Trabalhista.

Aureliano Chaves advertia aos políticos espertos: "O futuro de toda raposa é enfeitar o pescoço das mulheres".